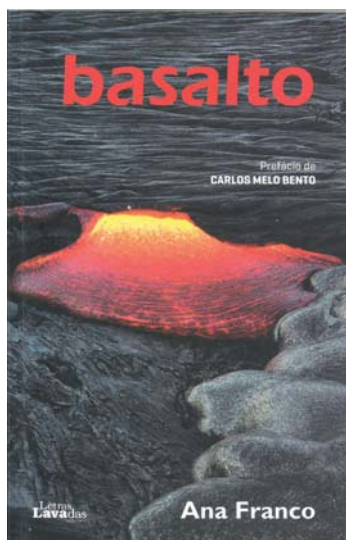




# Basalto

“Fazer um prefácio para um livro de poesia é um bico-de-obra por várias razões”, escreve Carlos Melo Bento no seu magnífico prefácio a este *Basalto*. Apetece-me dizer a mesma coisa, ao tentar aqui neste espaço de *Leituras do Atlântico* transmitir alguns dos sentimentos que me invadem quando vou lendo alguns dos poemas da Ana Franco, nele insertos. Não é fácil, porque poesia é alma e alma não se descreve e muito menos se comenta. É assim, como que *Papoila* (pg 51): *Não escolhes local para nascer / e trazes poesia / não escolhes companheira para florescer / basta-te / o sol / a primavera / e salpicas de rubra alegria / campos / lixeiras / jardins*.

Ana Maria Teves Franco de Lemos Botelho transmite-nos aqui em *Basalto*, tal como anteriormente já o tinha feito em *Brisas* um mundo de Vivências, Natureza, Arte e emoções. Nela sinto que o mundo lhe brota na alma e (re) nasce como vulcão de sentimentos intimistas, mas ao mesmo tempo prenhes de lava de amor e verdade, de tal forma que ao lê-los, há um doce sobressalto que nos faz parar e meditar. E por isso mesmo, não é um livro para ler “de enfiada”. Pelo menos para mim sinto o dever de o “condutar”, porque, de facto, Ana Franco assume-se assim: *Sou um vulcão / que à super-*



*fície / não veio, / uma onda / que à areia / não chegou, / um riacho / que ainda / não secou...*

Três dimensões de vida. Vir, chegar e secar... E ao mesmo tempo ter a sensação de ser *melodia sem refrão*, ou *soneto sem chave*.

Com belíssima edição de Letras LAVAdas, sugestiva capa de Pedro Garoupa, e brilhante Prefácio de Carlos Melo Bento, este *Basalto* é poesia pura, mesmo quando em prosa poética, Ana Franco dialoga com Raul Brandão, *o pintor da palavra* (pg 103-113), ou escreve aos poetas (pg 143) *sejam porta-voz do tule branco da noite*.

E como consegue transmitir todo este mundo de emoções? Como daqui tendo saído tão cedo, transborda Açores de forma tão querida?

A resposta é dela, numa entrevista concedida ao *Correio dos Açores*, no dia 26 de Novembro deste ano: “*Mantenho o ‘olhar sublime’ do rosto do Senhor Santo Cristo dos Milagres como farol na bonança e na tempestade*”. Afinal, “*deixar os Açores é impossível e residir em S. Miguel é um sonho*”.

E aqui está, na mesma entrevista, a razão deste *Basalto*: *Não, eu não sou regressante. Nunca parti para um destino longínquo para sustento das gerações a meu cargo. Eu não tenho essa Altura, quando muito sou uma gaivota, que tal como os filhos das ilhas de bruma, vêm beijar*

*a Terra, a Areia e o Basalto*.

*Antes de continuar os diálogos com Raul Brandão, como anunciara há três anos, convidei-o a submergir no nosso Mar*.

*A Raul Brandão, o pintor da palavra, faltou jogar à bola com a bexiga do porco, dançar a valsa e a sapateia, batalhar com limas e flores, sentir com naturalidade as oscilações da escala de Richter, cantar à desfolhada onde o milho é rei...*

*Não tenho um baú de memórias, elas correm-me nas veias!*

Quem, depois disto, não dirá como Vamberto Freitas referiu, a propósito de *Brisas*? “*Nesta obra de Ana Franco temos palavras e expressões recorrentes que anunciam ou denotam de imediato a sua temática poética, uma sequência que mais parece uma exposição de quadros ou uma sinfonia da terra atlântica*”... é uma esplêndida litania à natureza dos Açores”.

Carlos Melo Bento afirma que esta é “*a obra poética mais artística destes últimos tempos*”. Partilho inteiramente. Ana Franco deixa-nos aqui neste *Basalto* imorredouras páginas de beleza, arte e alma. Sobretudo alma!

Santos Narciso

# O Concelho de Nordeste

## Contributos para a sua História

“*Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver no universo (...)* Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer”. A frase é de Fernando Pessoa e é citada por José Carlos Barbosa Carreiro, a encerrar o prefácio deste livro de Rogério Cabral de Frias.

Citação apropriada para mostrar a importância de obras como esta, de âmbito mais ou menos local, mas que se revestem de grande interesse pelo contributo que trazem à construção e à multiplicação de ângulos de visão com que se vai fazendo a história de cada lugar e de cada povo. Neste caso, o povo do Nordeste micalense, numa visão de um nordestense de coração, nascido na então Vila (hoje cidade) da Praia da Vitória. É uma colectânea de textos que foram sendo escritos e publicados e que assim reunidos acabam por constituir um bom acervo de pen-

samento e de imagens para quem mais tarde se queira debruçar sobre alguns factos e vivências daquele concelho. Como bem se diz na apresentação do livro, “o objetivo central desta publicação é de levar até ao leitor elementos escritos com abrangência sobre o concelho do Nordeste, que sejam de fácil leitura e simples de interpretar.

Procurou-se complementar alguma literatura existente e colmatar inexistências, juntando num único volume várias temáticas alusivas ao concelho sobre o património, permitindo um melhor conhecimento daquele e das suas gentes”.

Enriquecido com muitas e oportunas citações bibliográficas, este livro prova bem o espírito estudioso, cuidadoso e metucioso do autor. Para mim, foi de proveitosa leitura.

Embora sem necessitar de apresentação, aqui ficam alguns dados biográficos do seu autor.

Rogério Cabral de Frias, natural da freguesia de Santa Cruz, concelho da Praia da Vitória, é licenciado em Património Cultural pela Universidade dos Açores. Entre 1985 e 2013, exerceu o cargo de Técnico Profissional de Construção Civil, vereador a tempo inteiro e Vice-presidente da Câmara Municipal de Nordeste. Também exerceu outros cargos, nomeadamente como Presidente da Filarmónica Estrela do Oriente de Algarvia, Presidente da Associação de Pais e Encarregados de Educação da EB/S de Nordeste, Presidente da Comissão de Protecção de Crianças e Jovens em Risco de Nordeste. É, actualmente, Presidente da Assembleia Municipal de Nordeste.

Um abraço de parabéns por este belo contributo para a história do Nordeste.

Santos Narciso

